



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Setembro de 2013, nº 170



Os Mistérios de Eleusis

"Feliz é o mortal que presenciou os Mistérios Eleusínios. Abençoados são seus olhos que os viram, pois após a morte a jornada da sua alma será diferente daqueles que não foram iniciados."

Homero

 Mirella Faur

Os Mistérios Eleusínios constituem o segredo mais bem guardado do mundo antigo. Originários de Creta como um festival de outono dedicado à deusa Deméter e reservado somente às mulheres, eles foram expandidos e abertos a todas as pessoas se fossem adultas, falassem grego e não tivessem cometido nenhum crime. Iniciados na metade do segundo milênio a.C., os Mistérios Eleusínios perduraram por quase dois milênios sem que ninguém revelasse nada a respeito

dos rituais e das iniciações. O pouco que se sabe foi divulgado pelos comentários literários, pelas referências históricas ou nas difamações cristãs sobre as práticas pagãs

A palavra Eleusis simbolizava "O lugar da chegada feliz" e deu origem ao termo "Campos Elísios", sinônimo do paraíso pré-helênico. A palavra Mistério tem como raiz a palavra mueín, que significa "fechar", tanto os olhos quanto a

boca, ressaltando a obrigatoriedade do segredo e do isolamento durante a iniciação.

Os candidatos deveriam primeiramente submeter-se a uma iniciação durante os Mistérios Menores, realizados na proximidade do equinócio da primavera, para poder participar dos Mistérios Maiores, realizados na proximidade do equinócio de outono. Desconhece-se a verdade sobre esta iniciação, sabendo-se apenas que incluía testes de coragem e práticas ascetas.



Os Mistérios Maiores eram celebrados a cada cinco anos e tinham duração de nove dias. Os candidatos chegavam a Atenas vindos de todas as partes do mundo helênico e romano. No primeiro dia, reuniam-se para atender às chamadas dos sacerdotes e receber suas instruções. No segundo dia, purificavam-se mergulhando no mar e fazendo as primeiras oferendas (leitões). O terceiro dia era

dedicado às cerimônias e oferendas oficiais em benefício da cidade de Atenas e do povo grego. No quarto dia, conhecido como Asklepia, novas purificações eram feitas em homenagem a Asclépio, o deus da cura. No quinto dia, dava-se início à procissão que percorria os 32 km que separavam as cidades de Eleusis e Atenas. As sacerdotisas carregavam os objetos sacros, purificados no mar, em grandes cestos chamados Kista. Os iniciados vestiam túnicas brancas e cantavam, dançavam e invocavam as divindades, cujas estátuas eram levadas em carruagens.

Nos limites da cidade de Eleusis, figuras mascaradas encenavam parte do mito de Deméter expondo, por meio de sátiras e deboches, os vícios, erros e defeitos humanos. Dessa forma, esperava-se que os velhos Eus morressem e dessem lugar à renovação. Ao cair da noite, o jejum de três dias terminava e havia uma grande festa do lado de fora do Santuário. O sexto dia era reservado ao descanso, à purificação, ao jejum, à introspecção e ao silêncio.

Quando as primeiras estrelas apareciam no céu, os iniciados tomavam o Kyklon, bebida sagrada preparada com centeio fermentado e hortelã, e entravam no santuário de Telesterion. Desconhecem-se os rituais ali praticados. Sabe-se somente que havia três estágios: a iniciação, em uma gruta subterrânea, em que os iniciados passavam por provas e testes; a morte simbólica, em que os iniciados “renasciam”, sem mais temer o fim da vida física por terem “visto” a continuidade de jornada da alma; e a encenação do mito

de Deméter e Perséfone. Nesse momento, reproduzia-se a busca de Deméter por sua filha Perséfone, raptada por Hades, deus do mundo subterrâneo, festejando-se, ao final, sua volta à vida na Terra, após os rigores do inverno simbolizando sua ausência.

O final das celebrações era marcado pelo sacrifício de animais, celebrando com danças e cantos o último gesto ritualístico dos sacerdotes: o derramamento de água sobre o chão, invocando a chuva para conceber a vida na terra. Esse ato simbólico revelava o profundo simbolismo dos Mistérios de Eleusis – o casamento sagrado da chuva celeste com a terra fértil e receptiva para conceber o filho, representado nos grãos dos cereais. Para os iniciados, que viviam da terra e de seus ciclos e estações, os Mistérios representavam a confirmação sagrada de que a morte era seguida do renascimento, assim como a vegetação morria no outono e renascia na primavera, acordando de um sono profundo, por vezes comparado à própria morte.

Adaptando o mito de Deméter e Perséfone à nossa realidade, podemos melhor compreender a necessidade dos rituais de iniciação. Ao proporcionarem a visão dos medos, limitações e defeitos que restringem a evolução de nossa alma, os rituais apontam para a possibilidade de uma morte egóica que levará a uma renovação transcendental. As mulheres podem encontrar no mito de Perséfone um exemplo de coragem para descer ao mundo subterrâneo de seu inconsciente, atravessar as sombras e emergir para a luz. ❁ ❁ ❁



O MITO DE DEMÉTER E PERSÉFONE

“Uma filha, jovem e muito amada, é raptada de perto da sua mãe por um poderoso governante, conhecido pelos seus atos malvados. A mãe desesperada sai à procura da filha e descobre que o rapto tinha resultado de um acordo entre o supremo chefe religioso e o raptor, sendo que o primeiro era o pai da jovem e o segundo, seu tio materno. Determinada a buscar justiça, com a revolta e a dor devastando sua vida, a mãe inicia um longo e eficiente protesto contra as autoridades, que resulta na volta da filha, traumatizada, mas viva e forte o suficiente para transmutar a sua dolorosa vivência, aceitar e cuidar do seu filho, concebido na escuridão da sua prisão.”

 Mirella Faur

Este relato - de um fato comum no nosso cotidiano atual - descreve a trama mítica de uma antiga história grega, que deu origem a um complexo ritualístico pagão, iniciado no segundo milênio a.C. e praticado durante pelo menos 1500 anos, até mesmo após o advento do cristianismo. A mãe descrita no drama era *Deméter*, a deusa dos grãos, cujas dádivas eram essenciais à sobrevivência humana; a filha era a donzela *Kore*, raptada por *Hades*, o Senhor do Mundo subterrâneo e que retornou como *Perséfone*, a “Rainha do Mundo dos Mortos”. O drama encenado e consagrado pelos “Mistérios Eleusínios” não representava apenas a felicidade do reencontro e a recuperação de uma mãe e filha após um trauma, mas a visão transcendental da morte e do renascimento, simbolizada pela volta de *Perséfone* do mundo subterrâneo e sua transformação em *Brimo*, “Senhora dos Mistérios”, grávida de *Brimos*, o filho da luz concebido na escuridão.

Para os povos antigos este mito era a vívida e real dramatização do conflito e da oposição entre vida e morte e sua conciliação final pela aceitação e transcendência. A Morte aparece como o raptor e violentador da vida, que irrompe de repente das profundezas do mundo escuro e

desconhecido, arrancando e levando consigo não apenas velhos e doentes, mas também ceifando vidas jovens e promissoras. A dor e o desespero humano perante as perdas, são retratadas no luto e na revolta da Mãe Divina, que segue um caminho longo, difícil e tortuoso, saindo da raiva, do ódio e desespero para confronto, luta e a busca de uma solução, culminando com a aceitação e a transmutação das forças do caos e da morte pela iniciação nos Seus Mistérios.

O mito das deusas *Deméter* e *Perséfone*, que deu origem aos Mistérios Eleusínios - celebrados por todos aqueles que falavam grego e não tinham cometido nenhum crime - preencheu uma universal e eterna necessidade humana: ultrapassar o terror perante a morte e nutrir a esperança no renascimento. A importância simbólica dos Mistérios foi resumida pelo poeta Homero nesta frase: “*Feliz é aquele que dentre todos os homens vivenciou os Mistérios. Aqueles que não foram iniciados, nem deles participaram, não irão usufruir da mesma sorte quando vão morrer e mergulhar na tenebrosa escuridão*”. O poder sagrado dos Mistérios era tanto, que os antigos gregos acreditavam que, sem a sua celebração anual, a vida iria se



tornar insuportável e não apenas a Grécia, mas toda a humanidade iria sucumbir.

No início do mito, Kore, alegre e despreocupada estava colhendo flores, quando ficou atraída por uma estranha flor (o narciso), sem saber que ela era consagrada a Zeus e Hades. De repente, Hades apareceu em sua carruagem preta saindo das entranhas da terra e a pegou à força, levando-a para seu reino, a fim de fazê-la sua consorte, sem buscar o consentimento dela ou da mãe. Ninguém ouviu os gritos de Kore além de Hécate, da sua gruta, e de Hélios, que tinha presenciado o rapto. Deméter, desesperada e sem saber o que tinha acontecido com Kore, saiu do Olimpo e iniciou uma busca incessante por ela, auxiliada por Hécate e perguntando a todos sobre seu paradeiro. Entristecida e furiosa por não achar sua amada filha, Deméter retirou suas dádivas e bênçãos da humanidade, o que levou à aridez da terra, à seca e à fome. Preocupado com a carestia dos humanos, que pararam de fazer seus sacrifícios e oferendas aos deuses, Zeus enviou Helios para convencer Deméter a parar de chorar e se lamentar, aceitar Hades por ser um poderoso e rico genro (além de ser seu irmão), permitir à filha se tornar mulher e não mais mantê-la dependente de si. Apesar desta intimação, Deméter não aceitou ser coagida, pelo contrário ficou enraivecida com a conivência de Zeus, pai de Kore, com o rapto, e continuou a busca, mantendo-se firme na sua recusa de devolver a vida à terra. Disfarçada em uma mulher idosa e após uma longa peregrinação, Deméter foi parar na cidade de Elêusis, na corte real, onde após alguns contratempos revelou a sua condição divina, ensinou os segredos da agricultura e deu ao povo a dádiva dos grãos, aconselhando a construção de um templo em sua homenagem, para que nele fossem celebrados os Seus Mistérios. Zeus acabou cedendo perante a dor de Deméter e as preces dos seres humanos e enviou Hermes para trazer Kore - agora transformada em Perséfone - de volta para a sua mãe; o encontro das duas deusas é o ponto alto do mito, chamado *heuresis*, assinalando o fim do sofrimento, o triunfo de Deméter em resgatar sua filha e a volta da

abundância para a terra. Porém, antes dela partir, Hades deu-lhe (ou a obrigou) para comer algumas sementes de romã, considerada a "fruta dos mortos", além de ser um símbolo da fertilidade, fato que selou a sua união e a obrigou a voltar anualmente para o mundo subterrâneo, lá passando um terço do ano como consorte de Hades e "Rainha dos Mortos", os restantes dois terços acompanhando sua mãe no mundo superior, como deusas da vegetação.

O mito do rapto de Perséfone e do desespero de Deméter representa o esforço coletivo de uma antiga cultura para enfrentar, mitigar e transcender o medo e o dilema humanos ' perante a inexorabilidade da morte. Porém, ao mesmo tempo, ele descreve um evento histórico acontecido milhares de anos atrás, que ainda repercute na nossa existência até hoje. O rapto de Kore e o afastamento forçado da sua Mãe Divina retratam a usurpação e assimilação das religiões centradas no culto à Deusa do Sul da Europa antiga, pelas forças patriarcais invasoras, vindo do Norte e Leste europeu, trazendo consigo o poder da espada e os cultos dos deuses guerreiros. Deméter e Kore pertenciam às milenares tradições nativas matrifocais europeias, enquanto Zeus e Hades faziam parte da hierarquia patriarcal posterior às conquistas. Ao longo de alguns milênios a Nova Religião, com seus deuses dominantes e hierárquicos, se sobrepôs e depois assimilou mitos e símbolos da antiga tradição geocêntrica da Mãe Divina. Em vários mitos esta assimilação foi descrita e representada nas cenas de rapto, estupro, dominação e subordinação das deusas por deuses, que as transformaram em esposas ou amantes submissas ou filhas dóceis servindo aos seus propósitos. Desta maneira, o mito de Deméter e Perséfone pode ser interpretado como um drama descrevendo tensões e oposições históricas, religiosas, sociais e culturais, uma vívida demonstração dos conflitos de valores e conceitos entre o Masculino e o Feminino arquetípico.

O imaginário e a dinâmica deste mito podem ser interpretados por duas perspectivas opostas: pelo prisma da permanência milenar dos valores matriarcais ou como a escalada e o triunfo do patriarcado invasor, estabelecendo uma nova ordem religiosa e social. O ângulo depende dos conceitos, necessidades e compensações psicológicas de quem o interpreta, enfatizando alguns elementos e omitindo outros.

Na visão matriarcal - que é mais fidedigna ao significado original - a ênfase está no poder transformador do Feminino, o ponto central sendo a relação positiva entre mãe e filha e excluindo o elemento masculino, que aparece de forma violenta e usurpadora rompendo este elo. A Deusa prevalece neste drama, como Mãe resgata a filha dos braços do invasor e do reino da morte; como Filha ela transforma o usurpador, absorvendo na sua matriz o elemento masculino, gestando, transformando sua energia e dando à luz o filho, com uma nova forma de ser e agir. Neste processo, a transformação de Kore em Perséfone e a presença de Hécate ao lado de Deméter, confirmam a supremacia das faces integradas da Deusa Tríplice como filha, mãe e anciã.

Na visão patriarcal o tema central é a ascensão do



poder masculino, que se apropria de elementos e atributos da Deusa e rompe para sempre os elos matrifocais. Deméter é vista como uma figura negativa, neurótica e possessiva, enquanto Hades é o libertador da filha ingênua de uma dependência materna limitante, despertando-a sexualmente (o rapto visto como uma "iniciação"), tornando-a consorte e rainha e abrindo novos horizontes para a sua atuação. Assim que a deusa se torna mãe do filho do conquistador, termina a supremacia da Mãe e Filha e é preparado o caminho para o nascimento da Nova Religião, em que se honra por algum tempo a dupla divina Mãe e Filho, substituídos depois pelo domínio do Pai e Filho. Este enfoque explica o predomínio dos comentários e das teorias patriarcais modernos - históricos e psicológicos -, que muitas vezes distorcem ou omitem aspectos do mito original, para validar valores e conceitos que fortalecem as estruturas patriarcais.

O nosso mundo atual enfrenta tanto o medo da morte - no sentido literário ou psicológico - quanto as manifestações nefastas e destrutivas do poder patriarcal. A riqueza mítica e a relevância no nível psicológico e comportamental não se limitam apenas aos períodos ou culturas que lhes deram origem. Assim como Jung demonstrou nas suas obras, os antigos padrões míticos, os temas e os dramas, bem como os símbolos arquivados no inconsciente coletivo aparecem e se manifestam nos sonhos, fantasias, criações artísticas, histórias das vidas e dos relacionamentos humanos contemporâneos. Mesmo que a sua origem e significados sejam ocultos ou enigmáticos para a nossa compreensão, eles podem ter um grande impacto emocional sobre nós.

Este impacto é a marca sutil de um arquétipo, que atua no nosso campo astral e emocional, influenciando nosso comportamento e forma de agir ou reagir, mesmo que a nossa razão ou conhecimento intelectual não alcancem seu significado. Cada imagem ou padrão arquetípico pode se manifestar de forma sutil (nos sonhos ou emoções) ou no nível racional (na dinâmica dos relacionamentos pessoais ou coletivos). Esta manifestação dualística é importante ao estudar o mito de Deméter e Perséfone, vendo a manifestação dos personagens envolvidos (Deméter, Kore, Perséfone, Hades) como sendo aspectos, *personas* ou sombras de uma mesma mulher; ou interpretar o drama no contexto de uma relação entre duas mulheres (mãe e filha, irmãs, parentes, amigas, parceiras, terapeuta e cliente, mestra e discípula).

No entanto, devemos levar em consideração a visão que os povos antigos tinham sobre os mitos, que eles viam como representações de uma realidade espiritual, compatível com as suas crenças e práticas religiosas, os

deuses sendo figuras multifacetadas da dimensão espiritual. A deusa Deméter não era apenas uma simples mãe (de uma filha e dos grãos), mas uma deusa tríplice, contendo os aspectos de *Chloe* (a donzela da primavera) e de *Cthonia* (a anciã do mundo subterrâneo), todos associados ao ciclo da vida vegetativa. Os seus ensinamentos eram os dons que a própria Natureza dava aos homens: como plantar, colher, seguir os ciclos naturais e das estações. A vida física não era oposta ao espírito, as vicissitudes do corpo e da idade respeitadas como reflexos dos processos naturais. Aquilo que acontecia na Natureza também se passava na vida humana. O fim do ciclo de vida

de uma planta era o paradigma da morte humana; a semente abrigada na terra escura germinava e brotava, podendo frutificar (assim como Perséfone se tornou mãe), depois definhava e apodrecia. Mas ao se tornar composto, ela enriquecia e revitalizava o solo e desta morte fértil nasciam novas s e m e n t e s , q u e germinavam, floresciam e frutificavam, a vida contida no fruto sendo liberada na sua morte. Manifestava-se assim o poder da Anciã, que recicla, sem parar, a morte para reiniciar e continuar o permanente ciclo da vida.

Ver-se como parte da Natureza, aceitar a dependência humana das Suas forças, participar no eterno ciclo de transformação da vida em morte e novamente em vida, proporcionava aos

povos antigos a vibrante e prometedora visão do destino humano. Os mortos eram "plantados" na terra e chamados de "povo de Deméter" (*Demeteroi*), ou cremados para acelerar a transformação, suas cinzas sendo entregues também à terra, para que a sua decomposição e fertilização do solo proporcionasse o desabrochar de uma nova vida. Na Natureza tudo é reciclado e modificado, nada permanece estático ou fixo, a única constante sendo a mudança que é a assinatura da continuidade. Não existe um processo linear, nem um começo ou um fim, nem a eternidade da vida ou da morte, por isso a transformação era a essência e a base das crenças espirituais pagãs.

Para compreendermos de fato a profundidade simbólica e a complexidade do mito grego de Deméter e Perséfone, devemos perceber e aceitar a riqueza e fluidez dos conceitos míticos e a sua atuação na nossa vida, procurando nos sintonizar com os ciclos naturais, aceitando as oposições, mudanças, contrariedades, conflitos e paradoxos que são inerentes à natureza humana. ❀ ❀ ❀





Mãe Terra

por Helena Maltez*

Natureza: magia e renovação!!!

Fiquei alguns dias sem ir ao quintal. Estudando e escrevendo sobre Educação Ambiental e Agricultura Familiar.

Lá estava eu, escrevendo aquelas coisas todas sobre o Planeta, sobre cuidar da vida, sobre estar em conexão com a natureza, sobre plantar e manejar... e sentada dias seguidos em frente ao computador. E me lembrei do Nelson, amigo agrofloresteiro, quando o ouvi falar sobre o quanto o computador desenergiza a gente. A mim, além de desenergizar... o computador e sua radiação deixam mal humorada. Quando começo a implicar com todo mundo em casa, já sei que passei dos limites e que tenho que ir ao quintal. Foi minha filha mais velha que me mostrou, muito sutilmente: "Mãe, faz tempo que vc não vai para o quintal, né?".

E hoje fui. Fui matar as saudades.

Plantei uma muda de guaco, podei margaridão, guiné e ipê de jardim e piquei o material sobre o solo, reguei.

Ah... como seria possível descrever o tamanho do prazer? A alegria de estar ali. A alegria do reencontro. A alegria de me sentir parte. A energia da Mãe sob meus pés. O serviço.

Ao fazer o buraco para plantar a muda de guaco (feita com um galhinho que o Cacai, amigo músico, me deu), dei de cara com uma terra fofa, gostosa e fácil. Pensei comigo mesma... já está um quintal para menina manejar. Esforço quase zero para cavar a terra. Quando cheguei, praticamente não havia solo nesse lugar. Restos de entulho (da construção da casa provavelmente) foram cobertos com uma camada de terra vermelha onde se plantou grama, fazendo as vezes de jardim. Agora, tinha virado terra fofa e marrom. Resultado do trabalho dos bichinhos do solo que alimentei durante os últimos anos. Pois são os bichinhos do solo que fabricam solo. Aliás, James Lovelock e Lynn Margulis nos reensinaram aquilo que os povos que vivem em contato com a natureza sempre souberam: que a Terra é um organismo vivo e que todas as condições para a existência da vida na Terra foram criadas, e são mantidas, pela vida.

Quando olhei ao redor, vi flores de tantas cores...

Vi até uma fada de vestido lilás... e correndo fui buscar a câmera.

De repente, o canto insistente dos passarinhos fez com que eu me desse conta: é Primavera!!! Logo logo, as chuvas darão início aos plantios. E sairei, sementes no bolso, espalhando por todos os cantos do quintal sonhos de germinação.

Quando chega a primavera, é hora de tirar tudo dos armários, das gavetas e dos cantinhos escuros, deixar ir o que passou, abrir espaço e começar novos ciclos. É hora de agir. De colocar em prática os sonhos que acalentamos no inverno. Hora de começar novos projetos, de plantar sementes. Depois, cuidar com zelo para vê-las brotarem, crescerem e frutificarem.

Começo essa Primavera cheia de esperanças.

Começo também com um compromisso comigo mesma.

O de honrar minha essência jardineira e todos os dias mexer na terra, plantar, manejar, cuidar. Quem sabe assim eu consiga me tornar um ser querido por Mãe Terra e reencontrar cada dia mais a minha essência sagrada que me diz que também sou um ser biológico. E assim sendo, como todos os outros, tenho que cumprir minha função no ciclo da natureza, no ciclo da vida.

Ernst Götsch, meu amigo e mestre escreveu assim*:

"Aprofunda-te na matéria! Abre os teus sentidos! Tenta perceber as formas dadas pela própria natureza! E tu chegarás a criar laços mais íntimos com ela. Isto acarretará mais sensibilidade nos tratamentos, nas relações com nossos irmãos (seres vivos) no campo e na floresta, bem como nas relações entre os seres humanos. Assim, a agricultura voltará a ser o que ela era, no sentido da palavra: cultura. Uma tentativa culta de conseguir o necessário daquilo que precisamos para nos alimentarmos, além das outras matérias primas essenciais para nossa vida, sem a necessidade de diminuir e empobrecer a vida no lugar, na terra.»

Ah... como Ernst tem razão.

Quanta satisfação e energização em fazermos aquilo que é o que viemos fazer. E é assim que me sinto quando estou no quintal, cuidando das plantas, do solo e da vida. Energizada novamente para encarar mais algumas horas de teclado e assim, poder seduzi-las a fazer o mesmo.

*na cartilha "Homem e Natureza - cultura na agricultura", que ele escreveu em 1995 para o Centro de Desenvolvimento Agroecológico - Sabiá. Para conhecer Ernst, visite o site "Agenda Götsch" e assista os filmes: <http://agendagotsch.com/>



Dançando as Runas na Chapada dos Veadeiros

Nos dias 11,12 e 13 de outubro, Nane Silva e Mônica Fonseca, sacerdotisas da Teia de Thea, conduzirão o workshop Dançando as Runas em um fim de semana de muita magia, dança, alegria e boa comida, além da beleza indescritível da Chapada dos Veadeiros. O local do encontro será a pousada Sol à Meia Noite, em Alto Paraíso (GO), onde os participantes poderão ficar durante todo o fim de semana.

As runas são símbolos de origem nórdica que representam arquétipos do nosso ser ligados às forças da natureza e do universo. A conexão com as runas nos permite acessar diferentes portais e dimensões do nosso psiquismo, ajudando-nos a trabalhar questões do nível físico, mental e espiritual, como a energia e a força vital do nosso corpo, os mistérios dos ciclos da natureza e do ser humano, a inspiração, a oração, riqueza e muitos outros aspectos. Segundo Nane, as runas por si só nos proporcionam um mergulho no inconsciente e no auto-conhecimento, pois iluminam a mente e expandem a consciência.

O *workshop* é resultado de três anos de conexão de Mônica Fonseca com esses arquétipos. A cada reunião de seu grupo de estudos da Teia de Thea, Mônica se conectava previamente com as runas que seriam estudadas, criava uma coreografia e a levava para ser dançada durante o encontro. As coreografias envolvem a *Stadha*, que é a postura mágica que traz a forma de cada runa. E também as músicas selecionadas para cada dança são um deleite à parte. "Além de alegres, são uma forma de unir a tradição nórdica, que nos traz força, com a leveza e a beleza das danças circulares", explica Nane, considerando que Mônica "usa a arte com muita propriedade para se conectar com o sagrado".

Não é preciso ser iniciado nas runas ou conhecê-las para participar do *workshop*, pois ao longo do encontro, Nane explicará sobre cada runa e seus arquétipos, permitindo que os participantes as conheçam e se conectem com elas. Serão compartilhadas 11 músicas que dançam a magia de 24 runas. "Para participar é preciso apenas abertura para experimentar a força das runas através das danças", diz Nane.



Para saber mais sobre as runas, recomendamos os livros de Mirella Faur "*Mistérios Nórdicos – Deuses. Runas. Magias. Rituais*", da Editora Pensamento; e "*Ragnarök: o Crepúsculo dos Deuses – Uma Introdução à Mitologia Nórdica*", da Editora Cultrix.

Dançando as Runas

11,12 e 13 de outubro de 2013

Pousada Sol à Meia Noite – Alto Paraíso (GO)

Workshop

Valor: R\$ 250,00 à vista ou parcelado em 2x de R\$ 130,00 ou 3x de R\$ 90,00.

Inclui CD e apostila

Hospedagem e Alimentação

R\$ 260,00 (quarto) ou R\$ 220,00 (mezanino)

Informações e inscrições

(61) 9602.7126



Próximo Ritual

Plenilúnio: Celebração das Deusas das Florestas

Data: 18 de outubro de 2013 às 20h

Usar saia ou vestido nas cores verdes e/ou marrons.

Lista de material:

- * 1 vela verde de 7 dias (dentro de um copo)
- * 1 folha de árvore que caiba na palma da sua mão
- * 1 punhadinho de terra do lugar de onde mora
- * Tambor ou chocalho, se tiver.

Somente para mulheres

Os rituais acontecem na UNIPAZ-DF .. Energia de troca: R\$ 15,00



As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "Watajís", de Mônica Fonseca**, dedicada à Matriarca da Nona Lunação: Mãe Guardiã dos sonhos do amanhã. A Mulher do Sol Poente.

Watajís

Brilha estrela da manhã
Traz a luz do que vou ser
Ilumina e aquece
O amanhã que vou tecer

Nindaranna, Nindaranna
Nindaranna, Wata-jis
Acredito no amor

Vou trilhando a espiral
Sou a estrada a percorrer
Mergulhando no vazio
Escuto o meu entardecer

Nindaranna, Nindaranna
Nindaranna, Wata-jis
Acredito no amor

Estrela do fim da tarde
Vem à noite me acolher
Agradeço toda a vida
Pronta para renascer

Nindaranna, Nindaranna
Nindaranna, Wata-jis
Acredito no amor

Tudo, nada, verde, mata
Puro espírito nascer
Rio, sombra, céu e mar
E a vida ensina a viver



* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte os livros "Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas" e "Anuário da Grande Mãe", ambos de Mirella Faur.

**O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Há tempos acompanho o seu navegar nas águas deste Planeta azul, pois que a jornada de cada criatura merece minha desvelada atenção. Seus primeiros passos, tão inseguros quanto apitos, foram substituídos, a seu tempo, pela marcha firme e confiante aprendida entre os seus. Depois, muito depois, vieram os passos peregrinos, moldados em devoção.

Assim como o seu caminhar, também seus destinos foram se transformando com o passar do tempo, deixando para trás - não sem algum sopimento - a miragem das ilusões, dos fantasmas, dos medos... E hoje vejo que você se permite partir, se necessário, para seguir a música de seu coração.

Entretanto, muitas vezes surpreendi você buscando a minha anuência diante das suas ousadias. Veja, filha de meu amor, que com zelo eu revesti sua consciência da roupagem necessária para fluir nesta dança. Dei a você régua e compasso, agulhas e linhas para costurar sua história e, o mais importante, abençoei sua existência com o discernimento que fez morada em seu coração.

Assim acontece o amor que dedico a você: incondicional, além do tempo e do espaço. Confio que você usará seus dons plenamente. Confio que seus passos conduzirão você sempre ao aprendizado mais rico. E, ainda que você escolha mergulhar em abismos, meu amor apoiará sua jornada de volta, e meu abraço celebrará o seu retorno. Mesmo sabendo que logo você tomará a voar!

Em confiança e coragem,

Aquela que é.



Expediente Jornal Deusa Viva

Coordenação: Nane Silva

Edição e Diagramação:

Cristiane Madeira Ximenes e Stella Mata Machado

Textos: Mirella Faur, Helena Maltez e Maria Amaziles

Imagens da rede mundial de computadores

Informações: www.teiadethea.org

Nane (61) 9677.9453 .. Andrea (61) 3408.4065

deusaviva@teiadethea.org